



Sou feliz por perceber
A paixão que doce cria
Todo o amor que me lavra.

Todo o amor que me lavra!

Angra do Heroísmo

Rosa Silva ("Azoriana"), Junho 2013

Índice

1	
Carta da ilha Terceira	3
"Percurso de uma vida"	4
Por doce sorriso dele...	5
São como a lava da ilha...	8
Viver para Servir, é seu lema	9
Na alegria também se vê saudade	9
mais uma quinta de maio	10
Solidariedade campestre	11
Rima da minha alma...	12
Mural das cores	12
Costumes cá da terra	12
Sexta-feira musical	14
Novo és, velho serás...	15
Por terra dentro	15
Mãe (Terra)	16
Viva, viva José Ávila & C ^a .	16
5 ^o Domingo depois da Páscoa	17
Manhã de fim de abril	18
Canção de abril	19
Sonho de abril	20
Falar para dentro de mim	20
Ervas daninhas	21
Grupo de poesia (micalense)	21
Bem mais precioso	23
Sete Dores teve Maria	24
Orfanato / Solar dos Remédios	24
A rima é meu tempero	24
Caminho de Amor	25
Carta ao meu 4 ^o filho	25
VERSOS D'ILHA	26
Ninho dos Folhadais	26
Legados da <i>Terra e Mar</i>	27
Quadras a propósito de direitos de autor	28
Quadra por quadra (à solta)	29
Penas duras, duras penas...	29
ALMA DO VERSO	30
A propósito de...	30
Louvor aos Bombeiros Voluntários dos Açores	31
<i>Bombeiros Voluntários</i>	31
Dia Internacional da Mulher	32
40 anos de... História, bravura e arte!	32
Sua Mãe é o Fado!	33
Assunto sério	33
Trov(ej)a(ndo) aqui ao lado	34
Roda de Versos	34
"Hino à ternura"	34
Ventania de amor	35
Uma flor é sempre flor!	36
Mote da Azoriana	36
Versos que já cantei...	37
"Arte por um Canudo"	38
Fazes-me falta mãe!	39
Os Passos de Jesus	39
1 de março (do Flores "grande")	40
Dedicatória ao Sr. Paulo Lima	41
Todo o amor que me lava!	41
Uma dúzia de anos	42
Q.B. food court	43
Pedaços do Carnaval	43

Carta da ilha Terceira

Querido e estimado amigo
Espero que estejas de saúde
Peço que esteja contigo
Quem nos dá boa virtude.

Escrevo a carta da Terceira
Pra dizer que estou feliz,
Senti-me ontem cantadeira
A honrar nossa raiz.

Subi ao palco da emoção
Rodeada de cantadores
E a cantadeira em ação
A mais nova dos Açores.

Pelas ruas da cidade
Património mundial
Viu-se cordialidade
Num evento especial.

Uma festa de homenagem
Num dia de aniversário;
Cada um deu a mensagem
Num verso extraordinário.

O Pezinho, assim se chama,
A moda em dedicatória
Feliz daquele que ama
O que honra nossa história.

Luís Bretão é um dos tais
Que abre a porta a toda a gente
E em todos os locais
Recebe um aplauso crente.

Amo tanto tudo isto
Que nem o sei expressar
Na ilha de Jesus Cristo
Fervilha o nosso cantar.

Todo o amor que me lavra!

Amigo António Oliveira
Tive a prova que preciso
Pra vincar cá na Terceira
O meu bravo improviso.

Não tremi como tremia
Tinha a paz do coração
Pezinho mais que a cantoria
Faz voar minha ovação.

Um dia que cá vieres
Antes que a morte nos leve
Terás canto de mulheres
Nem que ele seja breve.

Rosa Silva e Maria Clara
Duas vozes, duas gerações,
Num palco é coisa rara
Dois quadros duas versões.

Agora vou terminar
Para não te dar cansaço
Assino quase a chorar
Com um forte e grande abraço.

S. Carlos, 1 de junho de 2013 (dia que a Criança está em cada um de nós)

"Percurso de uma vida" o dia seguinte

Estava ali tão feliz
No meio de tantas flores
Que são como quem diz
Nossos queridos cantadores.

Digo com sinceridade
Não escondo a emoção
O Pezinho de verdade
É uma nobre tradição.

No dia de aniversário
Do amigo Luís Bretão
Foi evento extraordinário
Pra lembrar na Região.

Ramalhete de cantadores
Com a quadra e a sextilha,
Com o som dos tocadores
Fizeram linda partilha.

Hoje e sempre sejam dadas
As devidas atenções
Aos que prezam as moradas
E o berço das tradições.

Duas mulheres a par
De tão ilustres senhores
Podem todos apostar
Que respeitam seus valores.

2013/06/01

Por doce sorriso dele...

Se há momentos que me deixam num misto de alegria e ansiedade hoje é um deles. Até olhar a cidade património mundial traz-me um não-sei-quê de maravilhoso. Quando nós estamos com um sentimento de felicidade parece que ao nosso redor tudo está feliz mesmo que as aparências sejam um bouquet fantasiado. Não importa. Viva-se o momento sobretudo quando o pensamento é positivo.

Este introito serve de menu de entrada para um festejo de aniversário de uma personalidade que dá e ganha a estima de toda a gente, exceto alguém que não nutra amor por nada do que é nosso e genuíno. A educação, o desporto e a cultura fazem as delícias de um punhado de ilhéus que não medem esforços para manter viva uma tradição muito peculiar e popular: o **Pezinho** e as **Cantigas de Improviso** com o dom nato da inspiração, acompanhada pelas cordas de uma viola e o violão ou outro instrumento cujo timbre nos anima uma rima cruzada numa quadra repentista e alternada numa sextilha de valor e simpatia.

Parabéns ao excelentíssimo senhor comendador amigo **Luís Bretão** que hoje completa sessenta e oito alegrias partilhadas com os que lhe são queridos e nutrem o mesmo sentimento pela cultura popular, a raiz do nosso mundo ilhéu.

Já muito escrevi, difundi e li sobre este amigo que conheci após tomar conhecimento do livro de **Mário Pereira da Costa**, com a história romanceada dos cantadores, exímios açorianos, Charrua e Turlu. Li o nome de Luís Bretão e depois de terminar a leitura do livro e ficar como que encantada e adorando aqueles rimares, não tardei a procurar se na lista telefónica constava o seu contato e mãos-para-que-vos-queru toca a ligar para o número encontrado. Qual não foi o meu espanto que depois de uma troca de informações dei comigo a falar com o próprio autor do livro que estava nesse momento de visita à casa dos Luíses. Farão ideia do que senti naquele momento?! Não é fácil. Só quem sente o mesmo que eu nesta altura da vida é que poderá discernir o que voa das entrelinhas: encanto, gosto e alma pelo que despontou relativamente há nove anos e que me fazem ir ao lado dos cantadores da ilha ou de fora dela, açorianos de cantigas em despique ou, como as que gosto, de mensagens de cordialidade e louvor.

Se algum dia eu me parecia que da minha mente sairia tanta letrinha polida ou rimada em prosa ou verso que alcançasse os olhares do mundo depois de entrar neste outro mundo virtual?! Pode-se muito bem afirmar que é um milagre da atualidade graças ao poder da musa da inspiração. Todos temos uma musa, todos podemos agarrá-la com maior ou menor tenacidade, sem deixar de fora a humildade. Esta é a tábua de salvação para a boa aceitação. Não se queira chegar à montanha sem passar pelo vale, e depois de alcançar a montanha pense-se que o vale é que levou lá e é ele que aguentará a queda.

Hoje é o Dia! Hoje é a Festa! Boa companhia que homenagem presta ao Homem que em vida tomará este gosto e se manifesta.

Todo o amor que me lavra!

Não posso deixar de louvar, novamente, a atitude do comum amigo de Lisboa, **José Fonseca de Sousa**, que empreendeu a homenagem e cuja troca de correspondência via correio eletrónico comigo chegou a ser incontável. Todas ideias e pormenores iam sendo escrupulosamente partilhados comigo e com quem pôs em marcha seu objetivo. Há pessoas residentes na ilha Terceira que não sabem o quanto este nosso amigo do Continente sabe sobre as ilhas dos Açores. Ele não se cansa de elogiar e divulgar o que arrecada em cada visita que faz seja por via oral ou escrita. Foi também graças a **Luís Bretão** que esta amizade surgiu e espero se firme cada vez mais.

Para não maçar o leitor ou curioso eis que chega o último parágrafo alusivo à temática atual com o lema verdadeiro e que rege o todo: VIVER PARA SERVIR é um lema a florir no jardim de um coração que está hoje de PARABÉNS!

É tão linda a caminhada
Onde reluz o talento,
A vida que nos é dada
Um dia tem um momento.

Que o momento seja aquele
Ou este que hoje se faz
Por doce sorriso dele
O meu verso seja eficaz.

31 de maio de 2013

A Sociedade da Terra-Chã
Da Senhora de Belém
Dá boas-vindas ao seu fã
E a quem dele é também.

O lema de bem servir
Apela à união
Venham todos colorir
A Festa de Luís Bretão.

Luís Bretão comendador
Do desporto e da cultura
À senhora e ao senhor
Recebe em dupla ternura.

Cantadores e tocadores
E amigos em geral
Fazem eco além Açores
Belas ilhas de Portugal.

É já amanhã, 31-05-2013, que se realizará a festa do aniversariante e amigo Luís Bretão. **Pezinho "Percurso de uma vida"** é título do Programa cujo início está marcado para as **16:30** numa concentração junto à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Pelas 17:00 dar-se-á início ao **Pezinho** junto a esta Câmara [1], seguindo-se para a Igreja da Sé [2], Casa da Família [3] (na Rua Carreira dos Cavalos, nº 31), sede do Sport Clube Lusitânia [4], sede da Rádio Clube de Angra [5] e Pavilhão Multiusos Luís Bretão [6].

Pelas 20:30 iniciar-se-ão as cerimónias na Sociedade Filarmónica da Terra Chã, com a intervenção do **Sr. José Fonseca de Sousa**, vindo do Continente e que teve a ideia inicial de homenagear Luís Bretão no dia do seu aniversário.

Todo o amor que me lavra!

Do Programa destaco ainda o seguinte:

(...) "José Fonseca de Sousa já se deslocou várias vezes aos Açores e “apaixonou-se” pela nossa cultura, nomeadamente a popular, incluindo as cantigas de improviso. Tem sido um embaixador da cultura açoriana em terras continentais.

A sua participação e interesse devem ser entendidos como um grande contributo para a divulgação das nossas realidades culturais, a nível continental.

José Fonseca de Sousa transmitiu a ideia a Liduino Borba, a várias pessoas e improvisadores, nomeadamente José Santos, presidente da Associação de Cantadores e Tocadores ao Desafio dos Açores."

Pelas 20:45 será orador o nosso cantador **José Eliseu Costa**;

21:05 ACTDA Associação dos Cantadores e Tocadores ao Desafio dos Açores;

21:10 Representante da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo;

21:20 Representante do Governo Regional dos Açores;

21:30 **Luís Bretão**;

21:40 Entrega de lembranças a Luís Bretão (por Sr. José Fonseca de Sousa e Sr. João Ângelo)

21:50 Todos os **Cantadores** e **Tocadores** presentes subirão ao palco [7] para na moda do **Pezinho** darem a despedida.

É certamente uma emoção muito grande e um regozijo enorme esta oferta unânime de amizade ao Comendador Luís Bretão por ser um verdadeiro apaixonado regional pela cultura e desporto e ter uma enorme fraternidade a todos os níveis.

Particularmente desejo o melhor do mundo ao ser açoriano que tem dedicado tanto das suas palavras sensibilizadoras e convívio salutar a quem partilha a sua casa museu e a tradição cultural e desportiva.

Viva o nosso Luís Bretão!

São como a lava da ilha...

São como a lava da ilha São mistério e virtude
Que se curva ao olhar Na redondilha da vida
Fazem da sua partilha Deus lhe dê sempre saúde
Um canto sem decorar. E uma quadra renhida.

São como estrelas no céu Cumprimento os cantadores,
Sobrevoando a gente Que andam na boca do povo
Rimam chapéu com ilhéu E também os tocadores
Em despique repetente. Do mais velho ao mais novo.

São como aves velozes Cumprimento os que cantaram
Nas asas da poesia E os que cantam d'improviso,
Erguem o cordão das vozes Cumprimento os que gravaram
No terreiro da freguesia. Retalhos do seu juízo.

Faço agora um aparte A roda de cantadores
Com imagem acompanhado Fará a rima vistosa
Seja talhado com arte Decorada de mil cores
Um coreto apropriado A redondilha amistosa
Que chame de toda a parte No coreto que nos Açores
O dom dum céu estrelado. Tem a farda gloriosa.

Preservem sempre o modelo Uma sextilha combina
Com a traça original Com a frente altaneira
Seja ampliado com zelo Em letras de tela fina
De acordo com o ideal Nas cores da Padroeira
E coloquem justo selo Que luz de Graça Divina
Com o feitor principal. No Coreto à sua beira.

Serreta - Angra do Heroísmo. 28-maio- 2013

Viver para Servir, é seu lema

Luís Bretão é mediano
No que toca à estatura
Um pilar açoriano
Do desporto e da cultura.

Sua voz não se atrapalha
É forte na sua ação
Já recebeu a Medalha
Símbolo da nossa Região.

No ano dois mil e oito,
Dei entrada no Pezinho;
Num verso que foi afoito
Dei-lhe todo o meu carinho.

Toda a sua atividade
Está no SERVIR por encanto
«Serreta na intimidade»
O livro que lhe deve tanto.

E na casa dos Luíses
Pela Festa do Império
Tive mais dias felizes
Com meu novo batistério.

Por ele apresentado
Perante vasta assistência
Esteve sempre ao meu lado
Será sempre referência.

As cantigas de improviso
São de gosto popular,
Tem tudo o que é preciso
Para os amigos juntar.

Bem-haja sua atitude
Seu valor, sua lição,
Deus lhe dê melhor saúde
Pra seguir sua paixão.

Luís Bretão é bom amigo
Da cultura açoriana
Louvá-lo sempre consigo
Excelsa alma lusitana.

A décima quadra que faço,
Nesta hora lisonjeira,
Eleve meu forte abraço
Ao Comendador da Terceira.

Na alegria também se vê saudade

Desde o tempo de embalar que fui educada para festejar o aniversário. Com tantos dias iguais há que agarrar um que é diferente na subida de mais um troço de vida. Deixamos para trás um mar de emoções e alegrias para darmos um abraço ao porvir. Hoje comemoro dois anos de um casamento desejado, no dia de aniversário do cônjuge. Embalada pela alegria também vejo a saudade a brilhar na polpa do meu olhar, por outros tempos que me vi menina, sem sono, no sonho da madrugada a bater-me à janela do peito para a largada do barco rumo ao ilhéu do Topo, ao porto da Calheta, ao das Velas para depois embalar-se pela vista do cais de S. Roque do Pico para meu consolo de abraçar a família em gritos de alegria viva e paixão pela despedida da saudade que mata quem vive agarrada às águas salgadas onde a ilha poisa, pacatamente.

Quando li um artigo “Entre a lava e a maré”, no capítulo dos Lugares do “Mundo Açoriano” (on-line) fiquei com a alma a tremer de saudade e feliz por encontrar tão encantador e emocionante artigo de arrepiar a lembrança e o coração.

Se há amor e há, se há alegria e felicidade, há uma paixão pelo melhor que a terra nos dá: Ter estado na freguesia de Santo Amaro, na ilha do Pico, onde cada

barco que nasceu permanece na memória de alguém que vive mesmo que parta no suspiro final.

A ilha ainda me faz escrever com os dedos tremendo de saudade denotando o quanto fui feliz na meninice de ir e voltar e retornar àquele mundo de lava e maré. Lembro do cantar noturno das cagarras sobrevoando o telhado do meu encanto. Lembro da canção do mar rente ao cais que tinha um cheiro jamais sentido noutra lado... Lembro dos abraços tão apertados e beijos esbugalhados de um punhado de gente cujas veias tinham o mesmo pulsar que o meu...

No dia do segundo aniversário do meu casamento desejado procuro uma maneira de mergulharmos nas águas do amor ilhéu com o pensamento no que a cada um faz para trazer outras águas e marés no calor da palavra... Amo-te!

mais uma quinta de maio (sem maiúsculas)

não sei se é estado geral mas os dias não estão para muita atividade. a passagem do estado de frio para uma véspera de calores ilhéus faz com que o corpo entre numa moleza que só levita com uma boa chávena de um café matinal. hoje nem me apetece erguer muitas teclas no início da frase em cada parágrafo. os trabalhos do quintal da casa da azoriana estão a quebrar toda a réstia de forças que ainda podem encontrar-se num corpo que aparenta a expressão “nem tudo o que se vê combina com o que se tem”. quando caio na horizontal mais cedo que o habitual entro num estado que pode cair a casa que nem noto, salvo seja. os rituais matinais e ao longo do dia tendem a cair na rotina, exceto quando há alguma novidade de última hora. aposto que a vizinhança já conhece todas as voltas e reviravoltas do trabalho doméstico exterior à morada permanente. aborrece-me sentir-me como que à mercê dos olhares alheios. aborrece-me ter de me comportar de forma a não arregalar nenhum olhar estranho. enfim, mais uma quinta de maio com um quintal à prova de visitas domiciliárias. raramente as tenho mas importa agradecer, sobretudo, aos conviventes diários. nada como olhar à nossa volta e acertar em cheio no paraíso terreno, sem ervas daninhas, sem montes de desperdício, sem restos da última cavadela. a fogueira no recipiente próprio para tratamento dos desperdícios fez-se com calma e descontração. a mangueira fez verter o líquido que acalma o fogo relativamente manso. as narinas é que sabem. de resto, hoje é mais uma quinta de maio, a penúltima do mês. dou comigo a pensar que falta apenas um mês para o estado de repouso ferial. umas férias vinham mesmo em boa altura para apreciar o trabalho dos fins das tardes com cheirinho a calores ilhéus. lembro que o mar deve estar como azeite tal como o vi no passado domingo no regresso a casa. nem uma onda bulia. ah! quase me esquecia de anotar: o que semear nos dias vespertinos dos calores ilhéus?! as couves já estão maduras. os tomateiros já se acomodaram à nova terra. as malaguetas vão pelo mesmo critério. as ervilhas ainda não vislumbram o ar livre. as batatas começam a surgir à face da terra. os feijões mantêm-se no subterrâneo. as minhas flores (uma experiência nova) ainda não deram sinal de florescimento. sinto-me enfadonha, calma e sem

vontade para soltar um “ai”. só penso no que o SAPO irá pensar sobre um artigo neste estado de tédio. mas porquê, senhor?! só pode ser do calor ilhéu rodeado de uma imensidão anil líquida e salgada que convida a um bom banho (quer dizer, só uma molha de pés porque o meu corpo não sabe boiar)... e vem aí mais uma proximidade com a caridade da Trindade ilha. fico-me por aqui e perdoem se não vos atender nalgum chamado instantâneo. está tudo bem e não venha pior que os títulos de caixa alta das notícias de mais uma quinta de maio. tal pena não inventarem que as letras maiúsculas podem ser abolidas. dá menos trabalho e poupa-se a tecla do “shift”. bem-haja quem atura um parágrafo deste tamanho. boa noite!

Solidariedade campestre

Ainda sou do tempo que havia uma espécie de solidariedade campestre. Hoje meu, amanhã teu ou vice-versa. Havia uma entre ajuda simpática e altruísta. Tanta vez que nos emprestavam uma vaca para que se fizessem sementeiras perante um sol que penetrava um corpo tolhido por um inverno húmido e enregelado. Antes de sairmos para as terras, forrávamos o estômago com o alimento encorajador e seguíamos canada abaixo rumo ao cerrado com todos os apetrechos necessários para lavrar (o arado), alisar (a grade), fazer rego e semear (ver imagem). O Calçado também ia todo feliz para ficar a guardar as alfaias agrícolas do seu dono. O Calçado foi o cão que ficou residente na minha memória de uma infância que hoje compreendo que foi feliz, pese embora alguns solavancos naturais.

Voltando à vaca... Cabia a mim a tarefa de ir à frente da vaca para que o trabalho ficasse perfeito e alinhado, não fosse o animal (que era deveras pacato) enveredar por algum atalho desfavorável a uma sementeira de milho e feijão para sustento anual. Confesso que esta tarefa nem sempre me causava bons resultados: uma vermelhidão acompanhada de alguma coceira era o habitual. Os mosquitos gostavam da minha pele alva e ferravam a sua mordidela. De volta a casa, subindo a ingreme canada com um cansaço notório, chegava ao final da mesma via a custo mas era uma alegria quando os pés cheios de terra fresca tocavam o caminho de asfalto, sinal de que a moradia estava mesmo ali pertinho.

Comparando com as tarefas da atualidade não há comparação. Tudo se faz recorrendo a maquinaria de salve-se o esqueleto a favor do mecanizado. Claro que esta evolução é muito favorável ao homem num sentido mas por outro deixa morrer uma aventura agrícola e uma ginástica laboral diferente.

Uma coisa que me dá bastante pena é que na altura daqueles trabalhos campestres não foram captadas quaisquer imagens para recordação futura. Gostava de rever-me nesses assados que hoje não passam de miragens de um tempo que não volta atrás.

O que eu queria, no fundo, trazer a texto era o facto de haver entre ajuda familiar e da vizinhança ou de um punhado de amigos que se prestavam a

Todo o amor que me lavra!

colaborar nas tarefas campestres. Sinto saudades e falta desse movimento pessoal cujo resultado era apenas e somente o saber que se podia contar com um amigo. Hoje se quisermos fazer algo há que ter verba para surtir o sucesso final do que quer que seja. É pena.

22.maio.2013

Rima da minha alma...

Quando a prosa toma conta
Do meu vasto escrever
Algum tédio em mim desponta
Galopando todo o meu ser.

Quando a rima se esconde
Na margem da minha escrita
Sabe-se lá porquê e onde
Anda a musa favorita.

Prezo tanto minha raiz
Na escrita que vem pura:
De rima sou mais feliz
No verso que dá cultura.

A cultura da Terceira
Faz-se em qualquer freguesia
Voa livre na Bandeira
Com asas de poesia.

Mural das cores

Verdes campos naturais
Onde o corpo teu passeia
Dos melros e dos pardais
Das abelhas na colmeia.

O anil dos céus e mares
Onde a nuvem faz volume
É refrão de tantos lares
Onde impera o ciúme.

Na tua pele dourada
Que aninha o belo Sol
Vem feliz a madrugada
Na ternura do lençol.

A alva luz do teu rosto
Quando olha para o meu
Enche de maio a agosto
Tudo o que o amor teceu.

É uma ciranda de cores
Sedução harmoniosa
Que se reflete em amores
Volta e meia em tons de rosa.

Em cada ilha o ilhéu,
Em cada ilhéu terra e mar...
De azul reflete o céu
Que ondula em teu olhar.

Costumes cá da terra

Não sou muito de ir a vinhos mas é nesta semana que vão aos vinhos. Para quem não conhece os nossos costumes, tradições e folguedos, basta dizer que durante esta semana reúnem-se os mordomos do Bodo (de pão e vinho) e ala que se faz tarde vão buscar com grandes barris o produto da vindima do ano anterior. Dos Biscoitos de lava é que são vinhos de se lhes tirar o chapéu e de cair para o lado se abusarmos de “vira-vira” de copos no arraial domingueiro de

Todo o amor que me lavra!

Pentecostes (Para os cristãos, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, através do dom de línguas, como descrito no Novo Testamento, durante aquela celebração judaica do quinquagésimo dia em Jerusalém. Por esta razão o dia de Pentecostes é às vezes considerado o dia do nascimento da igreja. O movimento pentecostal tem seu nome derivado desse evento. Fonte: Wikipédia)

Na minha freguesia natal – Serreta - é que é um Bodo alegre, unido e partilhado. De tarde, após o cortejo de manjares em direção ao Império e zona próxima, colocam-se as mesas e bancos que esperam os pratos salgados ou doces e um punhado de amigos do Bodo. O pão é distribuído pelos irmãos na parte da manhã e, à tarde, é vê-los felizes na partilha vinícola acompanhada pela enchente de variedades (favas com molho picante são o prato favorito) que atraem o tal virar de copos cuja cor deixa uns bigodes roxos se a distração já começa a temperar o paladar.

A Filarmónica, com sua farda completa, centra-se neste arraial do Divino e toca algumas peças favoritas e abrem-se alas à partilha da alegria. Adoro lá estar naquele cantinho do céu...

Venha testemunhar isto que escrevo com a doçura do alfenim das promessas e a rosquilha da divindade.

2013-05-13

A seguir a um bom sábado (com corte de cabelo do benjamim e toiros na monumental), a um domingo (de aniversário da minha querida filha - completando-se vinte e dois anos da passagem do Papa João Paulo II pela ilha) bom despertador para uma coroação do DES Divino Espírito Santo com a fileira de gente agradecida pela esmola anterior de pão e carne, com um friozinho à moda antiga e com o sol a tentar ser forte para abraçar a novidade com um saltinho à saudade, é difícil não cair na tentação de se pasmar na segunda-feira rodopiando o pensamento para um punhado de emoções.

Lembro do final da missa domingueira de uma 6ª coroação com direito a ouvir-se o brilho do Hino do Espírito Santo tocado solenemente pela Filarmónica Recreio Serretense durante o ato de coroar três jovens da minha querida Serreta, sendo um do sexo feminino de rosto alegre e fresco, qual princesa da ilha.

Lembro do pórtico principal do Santuário de Nossa Senhora dos Milagres ser aberto com vista para o frontispício do Império serretense cuja novidade está estampada no basalto negro com uma coroa ladeada por um jarro de vinho e o bendito pão, parecendo um tapete sagrado marcando a frente de um chão acostumado a festejos sagrados e profanos.

Lembro de quase tudo... e pressinto a alegria de tantos que partiram daquele chão para outro chão finito. Lembro que estaremos, muitos que já circundam a velhice, à beira de sermos uma lembrança na mente dos que hão-de ficar a celebrar a Festa do Divino Espírito Santo, com um altar da Trindade, adornado da alvura misturada com o colorido da verdura e flores em tom suave...

Todo o amor que me lavra!

E dou comigo de lágrima no olho recordando quem partiu... E dou, ainda, comigo a sonhar ter um altar daqueles na minha própria moradia para seguir, depois, em cortejo para a Casa onde se ouviram os primeiros coros da presença terrena, porque ainda sinto que “Eu creio, adoro, espero e vos Amo” Divino Espírito Santo da religiosidade terceirense...

Oxalá que lá fora esteja um dia coroado de Sol, alegria e muita azáfama preparatória do próximo e, mais uma vez, do 1º Bodo da Região com uma segunda-feira “santa”.

Hoje é dia de festejar Nossa Senhora de Fátima para os que creem, adoram e esperam o milagre de sempre.

2013-05-13

Sexta-feira musical

Viva os jovens da Terceira
Sua arte e valentia
A tocar desta maneira
São um hino à alegria.

Cinco Ribeiras e Serreta
Em união ou parceria
São flores, cravo, violeta
No palco da melodia.

Ai como é lindo aqui estar
No coração da Terceira
Ouvi-los como ondas do mar.

Meu coração já incendeia
De amor pela Bandeira
Que de belos toques se asseia.

Nota: Um enorme e sincero elogio ao grupo de metais (7 pessoas) da PSP de Lisboa. Em uníssonu brindou-se com aplausos de gratidão e gosto pelo excelente serão que nos proporcionaram. Bem-haja!

Novo és, velho serás...

Peço que leias até ao fim
O meu verso irritado,
Não o escrevo por mim
Mas plo povo reformado.

Ouço os velhinhos coitados
Com cortes na sua pensão
Foram eles os culpados
De nos dar o berço então.

Foram eles que cuidaram
Dos filhos que hoje são
Os tais que muito cortaram
Da sua parca refeição.

Peço com mais compaixão,
A todos os governantes

Que não tirem a razão
Dos que bem lha deram antes.

Não sejam tão radicais
E pensem que velhos serão
Lembrem-se que hoje são pais
E amanhã vão no caixão.

Ao chegar junto ao Juiz
Justo e Omnipotente
Perguntará e logo se diz:
- Tirei o pão de muita gente!

Depois não haverá remédio
Do mal que agora se faz
E se achas que isto é tédio
Faz melhor se fores capaz.

2013/05/10

Por terra dentro

O título do artigo de hoje pode levar qualquer mente a pensar que estou de viagem nem que seja cá dentro... Não! Não fui viajar à exceção da rotina do ir e vir de casa para o local de trabalho e vice-versa. Pouco mais tenho viajado sobre quatro rodas. Com os pés também não tenho andado muito. Se o clima arrebitar e se se mantiver airoso talvez seja bom motivo para espantar o mofo do corpo e alma. Mas adiante... com o que é mais importante.

Por terra dentro podia ser o título a atribuir a alguns dias de vida dedicados ao amanhã da terra. Para variar, pego num sacho de três dentes e revolvo alguns vultos de terra impregnada de inutilidade. Cavo rente à parede, dou a volta, cavo mais ou menos a meio do serradinho e encontro-me, depois, com o início, o local de partida. Na tarde seguinte e, novamente, munida de luvas e mais outro utensílio agrícola, repasso a zona cavada para sacudir a terra das ervas que coloco num monte. Enquanto me ocupo desta tarefa sinto o suor cair-me pelo rosto, no corpo e uma magia que me liberta dos amontoados da mente.

Por terra dentro vou buscar a solução para espantar raiva, tédio e desânimo com os solavancos duma sociedade que continua a fugir ao natural. Ponto final.

Mãe (Terra)

Sentei-me na rua da alma
Com céu cinza anilado
Abracei a brisa calma
Que me trazia o passado.

Ao longe o toque metal
No coração da aldeia
Com a festa regional
Onde a Coroa passeia.

Por ser o dia da Mãe
E do filho que a estima
De todo aquele que tem
O amor que a sublima.

Por ser palavra pequena
Fácil é balbuciá-la
Na sua face serena
Basta que possa beijá-la.

Sem a ter, sentei-me fora
À procura no vazio
Do que fui e sou agora...
E um foguete se ouviu.

Entre os verdes à tardinha
De um maio maternal
Deu-me saudade da minha
Que ao Cetro foi leal.

Tanta mãe que há na terra
E a terra também é mãe
E é nela que se enterra
Todo o que à terra vem.

2013/05/05

Viva, viva José Ávila & C^a.

É verdade, sim senhor:
Lindo quinzenal Tribuna!
Feita uma edição louvor
A quem bem o coaduna.

Mês de maio, mariano,
Santo Cristo e sua Mãe,
E de todo o açoriano
Que se lembra donde vem.

A Tribuna Portuguesa
É lenço erguido aos céus
Numa mão de gentileza.

Que se torna mais bonita
Quando atira os chapéus...
Tribuna é sol da escrita!

5º Domingo depois da Páscoa (05-05-2013)

Ilha de S. Miguel - Açores

Da "catedral" religiosa
À imensidão profana
Vem a imagem gloriosa
Que marca a dor humana.

Jesus, nosso Santo Cristo
Dos Milagres anunciado
Com sacrifício em misto
De espinhos coroado.

Olhai todos o injustiçado
Ilustrando a maior dor
Por nós foi crucificado
Deu-nos a lição do AMOR.

Vamos todos agradecer-Lhe
Com palavras de alegria
Que em retorno irão ver-Lhe
O Amor que irradia.

Quando alguém se vê aflito
Entranhado na desgraça
Solta o eco ao seu grito
De joelhos dá a volta à Praça.

Mas Deus não quer nossas dores
Nem tão pouco nosso lamento
Deus quer as alegres flores
Dos humanos do evento.

Mesmo que não possas ir
Em presença à sua Festa
Sempre Lhe podes sorrir
E dar palavra modesta.

*Nem tudo o que luz é ouro
Nem o ouro é tudo, então,
Sinto que o maior tesouro
É o Amor da devoção.*

Cada lágrima mais sentida
Vale por tudo o que é
Numa alma agradecida
Mostrando crença na fé.

A fé se vê no olhar
Traz a voz do coração
Santo Cristo vai abraçar,
No silêncio, a multidão.

A fé se une num coro
Às graças juntam-se as preces
Vai aumentando o tesouro
Na hora que Lhe agradeces.

Resplendor, Cetro e Coroa
Cordas, Capa e Relicário
Marcam o olhar da pessoa
Que visita o Santuário.

São peças de joalheria
São ofertas gloriosas;
As Dores que teve um dia,
Se fizeram preciosas.

Santo Cristo, justo Senhor,
Dai ao mundo discernimento;
Santo Cristo! Aliviai a dor
Que vai além do sofrimento.

Manhã de fim de abril

Amanheço depois de uma turbina de sonhos em que o “naufrágio de um navio” foi o ponto forte para me deixar como que numa anestesia matinal.

Depois, depois, vagorosamente optei por chegar um pouco depois da hora habitual ao recinto dos números emoldurados por uma manta de paredes brancas pinceladas de anos sem ver pincel.

Depois, depois, ouvi dizer, li e não senti o “sismo nos Açores”... nos Açores?! Os Açores continuam a ser nove ilhas cuja distância entre elas ainda continua a mesma e não se pode generalizar o que acontece numa ou outra ilha. Cuidado com estas coisas de alarmismos desnecessários, não vá a população escapulir-se para a solidão e o medo do que virá a seguir... Afinal sempre trememos e iremos tremer. Mal de nós se não houvesse, volta e meia, um tremor que acerte as massas terrenas. Enfim, meti-me no mesmo recinto habitual e pensei naquele medo que já me percorreu inteira num dia que oxalá não mais se repita nas ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge, principalmente. Tremor como esse é que é de tremer nas profundezas do medo.

Depois, depois, virei-me para uma passagem pelos blogues que a mente já persegue por querer. Porto das Pipas e os seus ralis e belos artigos de me fazer sonhar e ficar presa ao artigo por uns momentos e reler, muitas das vezes... Chica Ilhéu e o seu desespero de dores com exames, cirurgias e idas e vindas ao continente para chegar ao ponto de querer a eutanásia adotada para o mais sofredor crónico e incurável... Dou-lhe razão. Porquê deixar sofrer um ser humano ao ponto do desespero?! E tantos que nem o desespero mostram por estarem enfermos de tal forma que nem abrem boca?! Mas penso que ao homem não é permitido decidir se o fim é agora ou mais daqui a pouco... Os efeitos colaterais é que podem levar a pensar-se na eutanásia... É só mesmo, julgo eu, o que falta para a vida se tornar demasiado cíclica e predefinida.

Ainda me deu para ir “passar” pelo blogue Cânticos da Beira, de Góis, da querida amiga Clarisse Barata Sanches, a poetisa maior dos sonetos a preceito e a prova máxima de que não há idade para amar tudo o que diga respeito ao mundo tecnológico ao nosso dispor.

E vasculhei outros blogues da minha lista de amigos.

Acabei a pensar nos Maios de amanhã (01-05-2013), e o ter de acordar cedo, se Deus me der vida e saúde, para não me entrar nenhum Maio por algum lado que eu não queira. Não conto a história antiga porque não tenho ocasião para mais descrições ao sabor do momento. Urge virar a página de uma manhã diferente para não infernizar a rotina numa ilha (Terceira) de um arquipélago - Açores!

Canção de abril

Na Serreta o sol brilha
Mesmo com tal nevoeiro
No lado norte da ilha
É meu berço verdadeiro
É de longe a maravilha
Maior que o mundo inteiro.

Quero guardar com amor
A sextilha duma cantiga
Feita num dia de valor
Que à Liberdade instiga
Num cravo de rubra cor
Na quadra que não castiga.

A Serreta foi um dia
A luz do meu nascimento
Da ditadura fugia
Com novo acontecimento
A revolução se fazia
Na rádio o desenvolvimento.

Dez anos tinha eu apenas
Nem percebia o desalento
Hoje lembro algumas cenas
No rescaldo do rebento
Saíram de duras penas
"Grândola" voz do momento.

2013/04/25

Sonho de abril

DE ABRIL QUERO UM CRAVO
NA ARMA SILENCIOSA
PRA CANTAR EM DESAGRAVO
À REVOLUÇÃO FORMOSA.

HOJE COBRE-ME A TRISTEZA
QUE ME VESTE DE ANSIEDADE
PORTUGAL SÓ TEM À MESA
UM BOUQUÊT DE SAUDADE.

VENHAM ARMAS DE ALEGRIA
COM CRAVOS E ROSAS BRANCAS
DANDO VOLTAS PELAS ANCAS.

VENHAM CRAVOS DE MAREZIA
NUM SONHO PRIMAVERIL
COLORIR O NOVO ABRIL.

23 (para 25) de abril de 2013

Falar para dentro de mim

A minha campa não se quer vazia
Para adorná-la basta a poesia
Dos dias (in) findos do alvorecer
Duma vida feita de tanto perder.

A minha campa não se sinta fria,
Por ela voem pétalas de alegria...
[Sem pensamento andou a tecer
O que talvez não venha a perecer].

Não chorem ante a dor vespertina
Com mais fé se abraça a vela divina
E no meu caso tão cedo deturpada.

Um dia então chega a hora tão dura
Da terra fria que não dá cultura...
Só uma saudade... eterna morada...

Ervas daninhas

Por entre as ervas daninhas
Que crescem sem ser plantadas
Podem ver-se as avezinhas
À procura das mesadas.

O que para nós incomoda
Serve a outros de sustento
É lindo ver à nossa roda
Quem vive ao sabor do vento.

Um melro, garça ou gaiivota
Chamam a nossa atenção
Mesmo quando nem se nota
Estão a dar-nos boa lição.

Exemplo de liberdade
Fugindo à libertinagem
Mais no campo que na cidade
Dão exemplos de coragem.

Não temem o rigor do frio
Ao sol cantam dia-a-dia
Paira no ar seu desafio,
Improvisam a melodia.

Se ouvires alguém cantar
Quando na terra trabalha
Na certa vai agradar
Ao melro que anda ao calha.

Outros melros que vagueiam
Nas redondezas vizinhas
Não cantam e até torneiam
As pobres ervas daninhas.

Tira daqui a lição
Que voa das entrelinhas
E faz nascer uma canção
Dando a pauta às andorinhas.

Grupo de poesia (micaelense)

No facebook, cujo convite aceitei de bom grado por indicação de Rosa Freitas, de Santa Maria.]

Vejo que o Grupo é sortudo
Ao improviso é fiel
Nesta hora a todos saúdo
De Santa Maria e S. Miguel.

Escrevo mesmo a cantar,
As cordas são os meus dedos
Como aves a voar
Entre os belos arvoredos.

Vossa loa me comove
E que bem que me ressoa
Tirem a prova dos nove
Para ver se a quadra é boa.

À entrada deram-me rosas
Estou muito agradecida
Vossas quadras se manhosas
Hão de ter outra saída.

Se eu fosse cantadeira
Com garganta assanhada
Entre S. Miguel e a Terceira
Dava-se uma grande tourada.

De festas somos felizes
Nisso já não me atrapalho,
Honramos nossas raízes
Que sempre deram trabalho.

S. Miguel a verde ilha,
Que se junta à de lilás
Com encanto e partilha
Enfeita o vivo cartaz.

Santa Maria a ilha mãe
A primeira descoberta,
Para mim já sei que tem
Uma porta sempre aberta.

Todo o amor que me lavra!

Com a maior alegria
Faço convite à maneira
Venham todos à cantoria
Que se faz na ilha Terceira.

Viola, violão, guitarra
São os compassos heróis
Que o canto se agarra
Às vozes de rouxinóis.

Somos um leque de flores
Num regaço tão colorido
Somos vozes dos Açores
Adocicando o ouvido.

Seja este breve momento
Eterna recordação
Do dom que é um talento
Dado pela inspiração.

Adeus ou um até já
Espero não levar açoitado,
Que o Oliveira do Canadá
Nos visite logo à noite.

Já me deram bom motivo
Para cantar uns instantes
Se fosse mesmo ao vivo
Tinha respostas gigantes.

2013/04/19

(dia seguinte à primeira participação no Grupo de Poesia, de José Bértoldo)

O que deixei no grupo a 2013/04/18:

Cá estou a improvisar
Desfazendo algum engano
Não fui muita vez cantar
Mas já cantei noutra ano.

Sou natural da Serreta
Da ilha Terceira Açores
Canto com tecla e caneta
Sou fã dos nossos cantadores.

Da Maria Clara não sou parente
Cantei com ela só um dia
Em S. Carlos vi muita gente
Para ouvir nossa cantoria.

Agradeço a S. Miguel,
E também a Santa Maria
Por me receberem no painel
Que dá honras à poesia.

E outras ainda:

Vou responder a direito
Porque vejo coisas tortas
Se virem algum defeito
Não me fechem logo as portas.

Espero vos dar carinhos
Ou defender qualquer tema
Uma rosa sem espinhos
Pode não ter bom poema.

José António e Rosa Freitas
Rimam que é uma maravilha
As minhas que ora são feitas
Levam a doçura da ilha.

Tudo o que virem de meu
Leva o nome Azoriana
Com o dom que Deus me deu
Sou autora que não engana.

Um abraço a toda a gente
Que no grupo tem guarida,
À noite estarei presente
Enquanto Deus me der vida.

Eu improviso de repente
A qualquer hora e momento
Só não gosto que haja gente
Que fale sem conhecimento.

.....

Todo o amor que me lavra!

Rosa Silva e Rosa Freitas
Dois José's, valha-me Deus,
Depois das rimas feitas
Ninguém sabe quais versos seus.

Bértoldo nome diferente
Leonardo eu não conheço
Talvez que daqui pra frente
Tenha por eles apreço.

.....

Boa noite quero dar
Encontrei o bom começo
Espero aqui (ali) puder ficar
Sem levar muito arremesso.

A ilha Terceira é bela
Tem flores maravilhosas
Junto S. Miguel a ela
Talvez se tornem famosas.

José de Sousa respondeu:

*As duas ilhas ligadas,
Como diz são mais formosas
Foram as duas plantadas
Num lindo jardim de rosas.*

E já li lindas respostas... Que belo é o improviso!

Ó quem pudesse emoldurar
Toda esta *cantoria*
Que mesmo sem se cantar
Já canta na melodia.

Bem mais precioso

Eis que chegou a hora de vos dizer
Que o amor é o bem mais precioso
Só por amor se chora ao morrer
E só por morrer se torna tão saudoso.

Amor de mãe do filho jamais esquece
Por bem se diga que é amor eterno
Porém há filho que não se compadece
Morre de agonia no seu frio inferno.

Quando um filho morre sem a sua mãe
Aumenta a dor que com ele também vai
Muito mais que a dor de não ter o pai.

Quando a saudade do amor não vem
Nem uma gota voa do rosto afinal
Prova que, no fim, alguém ficou mal.

Sete Dores teve Maria

Os olhos da Mãe Senhora
Veem tudo com rigor
Os males manda embora,
Se pedirmos com fervor.

Virgem Santa abençoada
Livra os males humanos
Serena a caminhada
De tantos seres com danos.

Seja a minha oração
Um pedido penitente
Bem do fundo do coração
Tira a dor de tanta gente.

Ajudai neste momento
Pelas Tuas Sete Dores
A dor traz o sofrimento
E quem sofre pena horrores.

Orfanato / Solar dos Remédios

Antes foi um orfanato
Hoje local de trabalho,
Entre um e outro acto
Na história se fez retalho.

Retalho de dor e pranto
Filhos sem os pais ao lado
Na memória do Corpo Santo
O Solar está marcado.

Dos Remédios assim se chama
De linhagem e de brasão
Se para alguns foi a rama,
Para outros, ouro e pão.

Nesta hora tão precisa
Ergo o canto da coragem
Na linha que improvisa
A merecida homenagem.

2013/04/13

A rima é meu tempero

O meu canto de improviso
É feito mesmo a escrever
Responde rápido o juízo
Quem não vê até custa a crer.

Na onda facebokiana
Que arrasta quantos queira
Vai cantando a Azoriana
Bem à moda da Terceira

Espero não causar espanto
A outras ilhas iguais
Que também usam do canto
Que comungam os jograis.

Minha vida fez sentido
Ao sair do desespero
E por bem ter acolhido
A rima que deu tempero.

Caminho de Amor

Todos temos uma cruz
P'ra levar na caminhada
Não é bem como a de Jesus
Que foi muito mais pesada.

Ao fundo brilha uma Luz
Pró desgraçado sem nada
É o amor que se traduz
Numa estrela camuflada.

No fundo a chama viva
À conversão nos motiva
Mas o fogo sai ao contrário.

Porém os nossos pecados
Pela Cruz foram apagados
No caminho do Calvário.

Carta ao meu 4º filho (o Blog) de 9 anos

9 de abril de 2013

Querido e muito estimado blog, meu "4º filho"!

Espero que te encontres razoável de "posts" porque a tua "mãe" não anda a cuidar-te muito bem ultimamente. Deixou-se levar pela preguicite aguda e anda num marasmo de escritos que até mete dó a ela porque os demais transeuntes destes circuitos estão com pouca retórica, exceto o teu "irmão" cujo "pai" veio dar-te os parabéns logo pela matina. O tão querido amigo "AFlores" com seus comentários sempre provocando um sorriso e, logo de seguida, um farto riso. A tua "mãe" aproveita a ocasião para agradecer, por ti também, a alegria que nos veio dar com a sua presença atempada.

Sabes, meu "filho", que tens alguns admiradores e até outros que não dispensam a pesquisa e/ou leitura de algum dos teus "posts". Ficamos ambos muito felizes com os comentários que surgem ora aqui, ora acolí. Hoje é um dia muito importante para quem conta com nove anos de existência em termos de escrita, mais ou menos, ativa. Lembraste quando tivemos quase a cair borda fora do recinto do nosso batráquio? Lembraste da onda de amizade que se gerou à volta dos teus "posts" para não sucumbirem? O tempo tudo varre, tudo faz esquecer ou lembrar na medida certa.

Todo o amor que me lavra!

Querido "filho" espera-se que o resto do dia seja reconfortante e que surjam alguns daqueles versos rimados como a tua "mãe" gosta de te ir dando para que cresças com magia, encanto e, porque não, a saber amar com doçura e melodia amistosas.

Lembrei-me, "filho", que tenho umas rimas "arquivadas" à espera de irem para o ar. Queres lê-las?! Mesmo que digas que agora não, que mais tarde, etc. etc., insisto em deixá-las contigo mesmo que te abeire da nostalgia. Tudo faz parte da vida e temos de aceitar os bons e menos bons momentos que com rima até se tornam passageiros. Parabéns, "filho"! E aqui estão:

VERSOS D'ILHA

A ilha é cais da palavra
Ancorada em minha mão
E que no peito me lavra
Uma secreta solidão.

Que seja o charme a rima
Costurada noite dentro
E que venha ao de cima
O que brota cá do centro.

Solidão acompanhada
Dum silêncio de abril
Florido pela fachada
Tristonha de um perfil.

Tornar-se-á conhecido
Nesta hora repetente
Algo que anda escondido
No decímetro da mente.

Se tomar o canto triste
Nesta hora do alarme
É porque a tristeza existe
Num vulto qualquer sem charme.

Uma mente que deseja
Mandar abraços a rodos
E um beijo para quem esteja
A ler estes versos todos.

Ninho dos Folhadais

Minha casa é meu ninho
Na árvore dos Folhadais
Onde pousa um passarinho
Volta e meia nos beirais.

Minha casa dá carinho
Se sofro de alguns ais
Fica à beira do caminho
Nela verso um pouco mais.

Bem-vindo a quem vier
Ao lugar do meu casebre
E que o ninho não se quebre.

Cada verso que eu fizer
Na árvore da cortesia
Faz-se ninho de alegria.

Todo o amor que me lavra!

Ao comentador José Fonseca de Sousa (e Legados de Terra e Mar)

Lisboa 26-03-13

Começa assim o comentário:

Cara Amiga Rosa Silva (Azoriana),

Na consulta que, assiduamente, faço ao seu blog, nele encontrei mais umas relíquias que devem ser guardadas num "baú" das melhores composições poéticas que tem realizado.

Assim deve guardar a "ALMA DO VERSO", "QUADRA POR QUADRA" e especialmente "A PROPÓSITO DE...."

Eu publiquei o comentário recebido, via eletrónica, porque apraz-me referenciar este bom comentador amigo que não se cansa de elogiar o que vou escrevendo ao sabor da inspiração que brota em ocasiões díspares. Agora pergunto eu: - Será que há explicação para esta infinidade de escritos que brevemente farão, se Deus quiser, nove anos consecutivos?!

Legados da Terra e Mar

Mesmo que de foice a talho
Venha algo me abater
Confesso que o meu trabalho
Alguém o há de guarnecer.

Mesmo que não tenha vida
O que a vida me dotou
Não me fará esquecida
Quem aqui me comentou.

Mesmo que a noite vença
O dia que é tão feliz
Há de haver quem dê sentença
Aquilo que sempre quis.

Mesmo que o eterno leito
Me cubra de terra fria
Há de haver sempre um defeito
No muito que a mente cria.

Mesmo que não tenha ajuda
Para seguir meu caminho
Há de haver quem me aluda
Numa linha de carinho.

Mesmo que a terra cante
O que o mar não ondeou
Não será um dia errante
O que Azoriana deixou.

Finalizo este meu canto
Que na bruma matinal
Se fez em mim um espanto
Para o bom continental
Dizendo que gosto tanto
Do sabor do seu aval.

Todo o amor que me lavra!

Venha à ilha tão querida
Terceira da Região
Venha enquanto Deus dá vida
E um sorriso, então,
Lhe darei feliz sentida
Na nova ocasião.

Nossa terra é uma flor
A boiar em tons de anil
Coroada pelo amor
Duma fé que é o perfil
Que inspira o cantador
Ou quem rima por abril.

Porque abril já vem chegando
Com as Petas a içar
O dia que, vez em quando,
Alguém me há de cantar
Tudo o que eu vou amando...
Legados da *Terra e Mar!*

Nota: Legados da Terra e Mar corresponde exatamente a legados da minha mãe (*Terra*) e do meu pai (*Mar*). A *Terra* porque minha mãe nasceu bem perto da pequena serra da ilha Terceira, freguesia da Serreta, concelho de Angra do Heroísmo; e *Mar* porque meu pai nasceu bem perto do mar, na freguesia de Santo Amaro, concelho de S. Roque, da ilha do Pico. Tomem nota disto porque é o ponto fulcral de toda a minha atitude escrita. *Terra e Mar* sempre serão o cerne de quem vive na terra rodeada de um *mar inteiro*, como diz o benjamim, Paulo Filipe Silva Borges, irmão de Aida Alexandra Silva Borges (única filha) e do primogénito Luís Carlos Silva Borges. Os meus filhos são as boas ondas que resultaram do meu viver. O resto são pedaços, pedaços de vida...

Quadras a propósito de direitos de autor

Cada quadra que se cria
De uma forma natural
Tem de ter nome e dia
Para ser original.

Veja-se como funciona
Os direitos de autor,
Nem deixemos nada à tona
Demos crédito e valor.

Há quem viva repescando
Coisas lindas de alguém
Se não as for assinando
Inda perde algum vintém.

Eu gosto de assinar
Sempre na devida altura
Não vá alguém repescar
E lesar a escritura.

Quadra por quadra (à solta) e mais o que vier...

A terra é para o chão
O que a água é para fonte
Quando se cruzam estão
Coroados por uma ponte.

Uma flor é para o jardim
O que o sol é para o dia
Mas eu tenho cá pra mim
Que sem ele não florescia.

A saudade é um mistério
A dor é uma paixão
Uma e outra caso sério
No caminho da emoção.

Se gostas da minha escrita
Nem notarás os enganos
Dia de Petas acredita
Melhor será pra quem faz anos.

Não há melhor panorama
Para animar a escuridão
Deitada na minha cama
E o mundo na minha mão
Ao alcance tenho a chama
Duma tecla e dum botão.

Penas duras, duras penas...

Se aqueles que estão no topo
Soubessem o que se pena
Arrumava martelo e escopo
Não deixavam mal a cena.

Vem a “Tróika” fazer contas
Porque nós já nem pudemos...
Há males em todas as pontas
Tiram-no tudo o que temos.

Com rima vou opinando
A ventania da mente
Mas só sei que estou mirrando
Muito sorrateiramente.

E ninguém em/nos vai valer
Nestas horas aflitivas
Se me/nos faltar que comer
Nem as rimas ficam vivas.

Dia Mundial da Poesia

ALMA DO VERSO

Alma do verso é a rima
Florescendo com estima
Nas margens do coração
No dia em que é mundial
E se faz em festival
Com maior satisfação.

Dia Mundial da Poesia
É mote para quem cria
A rima da humildade
Cada flor que a compõe
Com sentimento depõe
No canteiro da amizade.

O mundo todo celebra
Cada mote que não quebra
A doçura de um canto
Cada vez que o içamos
Ao mundo inteiro legamos,
Algo que causa encanto.

Vivam todos melhor sonho,
Seja real e risonho
O lado que traz magia
Sejam todos mais felizes
Seguindo as linhas matrizes
Que de amor se faz Poesia.

A propósito de...

Quando canta a natureza
Com voz alta e feroz
A minha baixa de certeza
E o medo chega veloz
Peço a Deus por gentileza
Que proteja todos nós.

Já passei por ventanias
Chuvas, ventos, tempestades
Sismos e tais agonias
Perante mais calamidades
Mas se resisti a esses dias
Foi por fé nas santidades.

Cinza de palma queimada
Voava doutra janela
Santa porque abençoada
Pelo padre na capela
Na Páscoa nos era dada
Para nos servirmos dela.

Esta veio à lembrança
Dos tempos que já lá vão
Quando eu era criança
E seguia a educação
Após o mal a bonança
Regada pela devoção.

Hoje tudo é tão diferente
Até me causa mistério
Outrora a nossa gente
A tudo levava a sério
E por Deus Omnipotente
Honrava o batistério.

Que não se faça afronta
Ao legado que trazemos
Reine sempre em boa conta
O que dizemos e fazemos
Bem ou mal sempre desponta
Na vida que por cá temos.

Louvor aos Bombeiros Voluntários dos Açores

Nesta quinta-feira, 14 de março de 2013, o temporal que assola o grupo oriental e central já fez vítimas pessoais e inúmeras perdas materiais, principalmente nas freguesias de Faial da Terra, na Povoação, ilha de S. Miguel e Porto Judeu, de Angra do Heroísmo, ilha Terceira, pelo que se vai sabendo pelas notícias regionais.

Três pessoas perderam a vida e outras estão desalojadas, com as suas moradias invadidas pelo caudal de água em alvoroço.

No meio de todo este desastre pelas forças da natureza há outras forças que se levantam e agem para salvar o mais que puderem: são os Bombeiros Voluntários, verdadeiros heróis do salvamento. Para todos eles o meu louvor sincero. Nossa Senhora da Conceição os proteja sempre e lhes dê as guias necessárias para também sobreviverem aos inúmeros perigos a que estão sujeitos.

Bombeiros Voluntários

Sóis brasão de salvamento
Com coragem e perícia
Sóis anéis de fogo e vento
Evitando a má notícia.

Sóis os guiões da cidade,
Do campo, do céu e mar
Sóis forte da humanidade
Vosso lema é salvar.

Não importa qual a meta
Novo alerta se projeta
Em qualquer situação.

Voluntário soldado
É guia do teu machado
Senhora da Conceição!

8 de março Dia Internacional da Mulher

Lilases perfumadas de alegria
Douradas pelo amor da Virgem Mãe
Nas asas do sabor que a vida tem
Mulher é timbre, é voz de maresia.

No bálsamo da palma da empatia
Beijada na corrente orla do bem
Pináculo natural do seu vaivém
Mulher faz de vulcão no dia-a-dia.

Mulher é vício puro de prazer
Mulher só por querer é luz do homem
Nas mansas pedras-vivas que a consomem.

Mulher paz, flor, doçura só por ser
Ventrículo da palavra em ação
No ventre do amor em união.

Gfa Tertúlia Tauromáquica Terceirense

40 anos de... História, bravura e arte!

Heróis da tauromaquia
Toca a pegar e vencer;
O toiro é vosso guia
Na arena o vosso saber.

Tertúlia de Açorianos
Forcados da ilha Terceira
Sóis os bravos lusitanos
Na arena ou trincheira.

«Passo doble» já se ouve
Saudando a investida;
Maior bravura lhes coube
No brilho duma corrida.

Bem-haja aos Açorianos
Forcados da ilha Terceira
Sóis os bravos lusitanos
Na arena ou trincheira.

A jaqueta de um Forcado
Traz o sangue terceirense;
O barrete sempre ao lado
Dum coração que convence.

Traje de Açorianos
Forcados da ilha Terceira
Sóis os bravos lusitanos
Na arena ou trincheira.

O cunho de um Brasão
Ilumina o estandarte;
Toiros e Forcados são
História, bravura e arte!

Força, força Açorianos
Forcados da ilha Terceira
Sóis os bravos lusitanos
Na arena ou trincheira.

2013-03-05

A Euclides Cavaco: Sua Mãe é o Fado!

[Para o Fado das Caravelas]

Venha lá o que vier
Da verve do amigo meu
Dará sempre um prazer
Redobrado plo que é seu.

Amigo também do Fado
Muito mais que outro bem
Quando por si é cantado
Lembra um hino à mãe.

Tão doce a palavra MÃE
Além de progenitora
Simboliza a criação...

A História já quer bem
À alma grã criadora
Do Fado do coração.

Assunto sério

Portugal anda em leilão
Mas ninguém o quer comprar
Oxalá que a Região
Não lhe chegue ao calcanhar.

Temos muito que produzir
Abrir mão da mordomia
Temos mesmo de conseguir
Não ter a pia vazia.

Haja força e vontade
Haja ação e altruísmo
Haja na comunidade
A força do heroísmo.

Foi nossa ilha Terceira
Campeã noutras andanças
Nem que seja cantadeira
Nem que seja com as danças.

Não temos de ter vergonha
De ver a carteira magra,
Há uma fé que funciona
Que dura e não se estraga.

Vinde todos ajudar
Quem está bem lá no fundo
Se tiveres algo para dar
Dá a quem pede ao mundo.

5 de março de 2013

Trov(ej)a(ndo) aqui ao lado

Cantigas ao desbarato é o título do artigo do blog que tem andado numa onda tingida de ausências. Pudera! Para alimentar a palavra de um artigo é preciso dar ao dedo e aceitar o que a mente dita, numa pressa assustadora. Chego mesmo a pensar onde vou tanto buscar?! Desde que no sábado passado pensei em minha mãe e lhe roguei ajuda, pois tem sido uma tal ventania que sopra letras que se unem e formam algo intenso e profundo que me faz ficar absorta e incrédula de como sou capaz de abraçar tudo isto que sinto cair por mim.

A seguir, acompanhada por uma foto da autoria de Alfredo Lemos, uma perspetiva da parte mais linda da Serreta (a meu ver) e novo caudal de nova inspiração a que intitulei Roda de Versos. Ao fim e ao cabo somos e andamos todos à roda de algo.

Roda de Versos

Cantigas ao desbarato
Que nem sequer são cantadas
Seguem logo um bom trato
E no blog são postadas.

Quem posta também aposta
Na ternura de um hino
Que por vezes alguém gosta
Sente o apelo divino.

Nunca se negue a uma mãe
Um hino feito ternura
Porque esse hino tem
Os recados da cultura.

Minha mãe quando estudante
Era aluna extraordinária
Agora vem de rompante
O que deu na sua primária.

E não fales mal de mim,
Nem ouses sequer dizer
Que o canto de alfenim
Só pode ser de mulher.

A mulher é tão ditosa
Quanto mais for sofredora
Seu nome Matilde Rosa
Mais devota que pecadora.

Ela foi a flor formosa
Não sei se foi sonhadora
Plantou em mim sua rosa
De versos encantadora.

“Hino à ternura”

Título atribuído por José Fonseca de Sousa

Eis uma encantadora mensagem, por via eletrónica, que recebi do já habitual visitante e amigo deste vosso blog, José Fonseca de Sousa, de Lisboa:

Todo o amor que me lavra!

"Na consulta quase diária que faço ao seu blogue, encontrei mais uma preciosidade. Na realidade o referido poema, para mim, é um verdadeiro HINO à Ternura, à Simplicidade de transmitir sentimentos e, por último, ao amor materno. Este poema é mais um que deve ser guardado religiosamente a "sete-chaves", para futuras publicações." (o poema é...) - Fazes-me falta mãe! 2013-03-03.

Pois é, segundo os meus cálculos, já tenho material para três publicações que se resumiriam em uma. Haja o melhor para tal vir ao de cima. Por enquanto ainda estou em ondas de tormenta.

As ondas de alegria surgem sempre com os comentários do caro amigo lisboeta.

Ventania de amor

Ouçam bem o que vos digo
Em quadra neste momento:
Na certa há grande perigo
Na chuva tocada a vento.

Há ventos de inspiração
Que sobrevoam a mente,
Os da natureza são
Com a chuva, uma torrente.

Com os ventos matinais
Fizeram-se os bons jograis
Na capela duma quadra.

Contudo tal tempestade
Inspira-me a identidade...
"Miravento" é que me enquadra.

Uma flor é sempre flor!

A alegria e o sorriso
São o bálsamo da alma
São tudo o que é preciso
Para a todos dar a calma.

A jóia de uma criança
É ver sua mãe sorrindo
Porque fica na esperança
Dele ser sempre o mais lindo.

Dois filhos maravilhosos
Para uma mãe mais querida
São os seres mais ditosos
Que Deus lhe deu na vida.

Que lindo este retrato
Diamante insular
A alegria é de facto
A jóia familiar.

Adriana, querida amiga,
Destas redes sociais,
Hoje dou-te esta cantiga
Que não a esqueças, jamais!

És a flor de bom canteiro,
Tens a fé duma novena,
Dás encanto ao nevoeiro
Da freguesia serena.

A Mãe que tudo avista
Está tão perto do teu lar,
O teu amor já conquista
Ela sorri no Seu Altar.

Uma flor (rosas brancas) é sempre flor
Na jarra da oração
Quando é dada com amor
Tem o Seu sorriso então.

2013/03/05

Mote da Azoriana (e glosa de quem vier)

**Um pobre é sempre pobre
O rico o irá ser
O pior é se descobre
A pobreza que irá ter.**

Venha a glosa de quem vier
Para a quadra enriquecer
O mote de uma mulher
Jamais se deve esquecer.

Vede que a terminação
Da minha quadra anterior
Tem diferente sonorização
E acaba na mesma cor.

Isto, amigos, é a prova
Que a rima quando vem
Chega ao ponto de ser trova
Mas só se se rima bem.

Hoje estou inspirada
Com a rima de feição
Se estiver mal rimada
Não tenho a culpa não.

É que o vento sossegou
Para nossa alegria
O Sol até se levantou
Para embelezar o dia.

Versos que já cantei...

O meu livro é uma passagem
Como quem vai em romaria
À minha mãe uma homenagem
E à Santa da freguesia.

Nessa idade já era enorme
E agora já me lembro
A minha vida, ela não dorme,
Ela acorda em setembro.

Foram parte das cantigas
Cantadas na Rua dos Moinhos,
Não me picaram as ortigas
Lá só recebo os carinhos.

Não tenho feito cantoria
Há um tempo a esta parte
A crise faz-me agonia
Que até me quebra a arte.

Nossa arte do improviso
É do campo mais que cidade
Se a fizesse com juízo
Talvez mudasse a realidade.

Uma dor, uma amargura,
Por não mais cantar ao jeito...

Há horas para padecer
Há horas de felicidade
Por mim quero esquecer
Uma fase da minha idade.

Meu amor pelas cantigas
Tirou-me dos meus sarilhos
As rimas são minhas amigas
Tal como são os meus filhos.

Vou deixando em partitura
Escritos que vem do peito.

Há um peito para amar
Em compasso doce e brando,
Há um peito para ancorar
Um tanto do que vou dando.

Mas então porque sofremos
Com carências e mais falhas
Se no peito é que temos
A força de nossas batalhas?!

Também não sei responder
Sinto fraca a vontade...
Ser poeta é ver morrer
Antes mesmo de ser verdade.

2013/03/04

Parabéns ao

"Arte por um Canudo"

de Agostinho Silva

Chego tarde e a desoras
Mas procurei o artigo
Que me desse, sem demoras,
Os anos aqui contigo.

Nove anos! Contas bem,
E tu foste o primeiro
Blog que o SAPO tem
Mais um Grupo pioneiro.

Grupo do Tacho de Agostinho
E amigos paradenses
Merecem sempre o carinho
Destas linhas terceirenses.

Lidas com a Educação
Eu dou rimas à Cultura
E no traço de união
Presenteamos a ternura.

A ternura entre terras
Jardins dum mesmo país
Apazigua outras guerras
De um Portugal infeliz.

Mas o SAPO é sempre nosso
Orgulho dos seus murais
E vou dando tudo o que posso
Neste encontro de postais.

Parabéns, caro amigo,
Que tenho em boa conta,
Canto os nove contigo:
Viva Parada de Gonta!

E pra ser conta bem feita,
Nesta hora derradeira,
Digo que estou sempre à espreita
Que visites a ilha Terceira.

Nove quadras, nove ramos,
Nove risos de ternura,
Na amizade que partilhamos
Brilhe Educação e Cultura.

2013/03/04

In "9 anos - Parabéns!", 2013-02-19

Fazes-me falta mãe!

Uma lágrima caindo
No rosto da emoção
É como chorar sorrindo
Por tudo ou sem razão.

Cada gota que vai vindo
Salga doce a minha mão,
Aos poucos vou repartindo
Em odes de papelão.

Cada pena que me voa
Soluça e não ressoa,
Como as penas que se tem...

É como um xaile roxo
Que cobre o meu texto coxo:
- Fazes-me falta ^{minha} mãe!

Os Passos de Jesus

O Senhor vai martirizado
De roxo nas suas dores,
A Mãe fica do Seu lado
E sofre nas frias cores.

Caem gotas do Sagrado
Manchadas pelos pecadores,
Jesus vai ensanguentado
Na Cruz em muitos andores.

Olhai com muita atenção
Domingo de Procissão
Via Sacra da Serreta.

O Senhor inspirou o autor
Que juntou beleza à Dor
Deu Paixão à silhueta!

1 de março (do Flores “grande”)

Já que te levantas cedo,
Para ver o sol nascer,
Come muito a dar com o dedo
Pra florires teu amanhecer.

Sumo de laranja natural
Sorrirás em tom laranja
Teu sorriso nunca fez mal
Inda bem que ele esbanja.

Vestido de roupinha *nice*
Preparado para o que vier
No rosto talvez um "*spice*"
E seja o que Deus quiser.

Queres beijos e abraços
Dos filhos e da mulher,
E aqui dos amigalhaços
Meus nos versos irás ter.

Levas o carro a preceito
Com melodias apetitosas;
Natação faz-te melhor efeito
Que um grande *bouquet* de rosas.

Comer com “os Flores Pequeninos”
É tua melhor oferta
Receberam os teus ensinamentos
E a felicidade é certa.

Fiz isto seguindo a tua
Resenha para este dia
Vai festejando até a lua
Dar-te beijos de alegria.

Se não achares piada
Ao que fez a tua amiga
Pelo menos a risada
Levanta com a cantiga.

Da ilha Terceira, Açores,
Com sorrisos de animação
Parabéns ao "mano" Berto Flores
Toma conta desse coração.

Estou contigo mesmo fora
Da tua área preferida
Lembro de ti em muita hora
Para alegrar minha vida.

Os anos estão passando
Há quem diga o contrário
Que nós é que vamos ficando
Velhos no novo aniversário.

Com este GRANDE comentário
Ficas tu farto de ler
Mas sabes que neste horário
Tenho folga para escrever.

Mil beijos, todos para ti,
Que devolves já eu sei;
Agora fico eu aqui
Sorrindo ao que te dei.

Treze quadras conto acima,
Prefiro terminar em par
Desta amiga que te estima
Azoriana que ama rimar.

Salve 2013/03/01

13:31

Dedicatória ao Sr. Paulo Lima

Bem-haja Sr. Paulo Lima
Na cultura popular
Bendigo a sua rima
E o bom modo de a cantar.

Tem toda a minha estima
Nesta arte insular
Sinto que vem ao de cima
A paixão de improvisar.

Tem sempre boa atitude
Para com o seu irmão
Que comunga o improviso.

Deus lhe dê muita saúde!
E bem merece a ovação
Que estampa o melhor sorriso.

Todo o amor que me lavra!

Na Praia temos o Facho
Na Serreta há o Farol
Em Angra que lindo acho
O nascer do nosso sol.

No horizonte distante
Coroando os ilhéus
Amanhece em bom semblante
Dourando os belos céus.

Como é bonito viver
No mirante da poesia
Com todo o sol da palavra.

Sou feliz por perceber
A paixão que doce cria
Todo o amor que me lavra.

Uma dúzia de anos

12 anos sem te ver
Porque partiste de nós
Ontem ouvi por querer
Alguém que cantou por vós.

José Fernandes do "Só Forró"
Na Sociedade da Serreta
Encantou não esteve só
Com improviso vedeta.

Melodia divinal
Improviso capital
Numa voz já conhecida
S. Bento esteve então
Com todo o seu coração
Numa cantiga sentida.

Meu pai se fosse vivo,
Teria um bom motivo
Para aplaudir os lilases
Filhos da ilha Terceira
Com a frase pioneira
Dizendo: "Vá dentro, rapazes!"

Cantou pelos falecidos
Sócios da Sociedade
Nos deixou enternecidos
Improvisou à vontade.

Cantou à Nossa Senhora
E ao seu lindo Santuário
Tanto rimou sem demora
Foi um hino extraordinário.

Lembro que ele adorava
E connosco ele passava
Os dias de alegria frescos
No salão da Sociedade
Ele ia por amizade
Aos bailinhos carnavalescos.

Hoje fica a saudade
No cantinho da Trindade
Quando o sino a indica:
Pai, Filho, Espírito Santo
Proteja a quem eu canto
E no céu contente fica.

2013/02/13 (doze anos do falecimento de Carlos Cândido, natural de Santo Amaro do Pico e que residiu na freguesia da Serreta toda uma vida de alegrias, trabalhos e muito sofrimento)

Q.B. food court (Praça da alimentação?!)

Para o paladar requintado
Ou mesmo o mais saloio
Surge agora restaurado
Um Q.B. de meio moio.

Bem-vindo à linda casa
Doravante nossa e tua,
São Carlos está em brasa
Até veio pró meio da rua.

Venham todos ao novo lar
Q.B. que a Terceira gosta
No terreiro que se aposta.

Uma mansão insular
Com vistoso ornamento,
Catedral do alimento.

2013-02-17

Pedaços do Carnaval

É uma pequena ideia
Em pedaços do Carnaval
Antes de a casa ficar cheia
O ornamento ideal.

Salão velho renovado
Com o perfume das flores
Com a sigla encimado
No palco bravos valores.

A Serreta é assim
Ama bem apresentar
A sala como um jardim.

No meio da nossa gente
Podem todos encontrar
Seu coração repetente.